

PROSA & VERSO

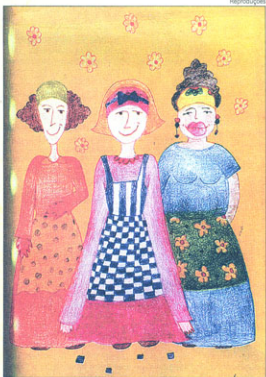


ILUSTRAÇÃO de Adriano Renzi para o conto "Manuel da Bengala", em "Felizes para sempre"; e de Nathalia Sá Cavalcante para "Pode entrar, Dona Sorte"

Para ler em voz alta e sonhar com a sorte

Literatura escrita com o jeitinho dos contadores de histórias

"Felizes para sempre", de Augusto Pessôa; e "Pode entrar, Dona Sorte", do Grupo Confabulando Contadores de Histórias.

Coleção E Quem Quiser Que Conte Outra. Editora Rocco, R\$ 34 (cada um)

Mànya Millen

A arte dos contadores de história ganhou novo fôlego no final dos anos 80 e, principalmente, ao longo da década de 90, quando excelentes grupos e proscendores solitários mostraram seu talento em apresentações mais "visíveis", ou seja, além do circuito educativo, e foram redescobertos por um grande público saudosos do prazer de ouvir e ver uma boa e velha história bem contada. Embora muitos permaneçam fiéis apenas ao contar histórias, sem nenhum aparato cênico além do livro nas mãos ou na memória, o fato é que festivais e temporadas em teatros se encarregaram de promover essa saudável "contaminação" em massa. Dessa forma, os deliciosos e maliciosos contos de fadas, de príncipes, de bichos que se comportam como gente, de matutos que tentam driblar seu destino com espertezas, de lendas do Oriente e de outros cantões do mundo, ganharam a devida projeção e o cuidado que sempre mereceram.

A recém-lançada coleção E Quem Quiser Que Conte Outra, belíssimo acerto da editora Rocco, é de certa forma o reflexo literário desse boom e traz, em seus primeiros volumes, dois representantes da melhor linhagem de contadores de histórias que consolidaram suas carreiras ao longo da década passada: o ator, cenógrafo, diretor, figurinista e arte-educador Augusto Pessôa (em "Felizes para sempre") e o Grupo Confabulando Contadores de Histórias, formado por Ana Cretton, Maria Clara Cavalcanti, Maria Ig-

nez Corrêa e Olívia Dornelles (com "Pode entrar, Dona Sorte").

Em seus respectivos livros, eles reúnem histórias famosas e outras nem tanto, colhidas do folclore popular brasileiro e estrangeiro, incluindo clássicos de Grimm e outros. As muitas versões existentes de cada texto ganharam o jeitinho dos contadores, com uma pitada de humor aqui, outra mais dramática ali, numa fluência e cadência buriladas por meio de muitas contações ao vivo. Faça o teste ao ler as histórias para as crianças e perceba como reticências, exclamações e onomatopéias estão distribuídas com precisão de mestre.

Em "Felizes para sempre", Augusto Pessôa traz seis contos em que o amor e seus desafios se fazem presentes. "A Bela e a Fera", "A moura torta" e "Maria Borracheira" — este último levado aos palcos recentemente por Augusto e Rodrigo Lima numa versão saborosa e imperdível — são alguns dos textos mais conhecidos, todos encerrados com a frase mais famosa dos contos de fada, depois de "era uma vez...". Já em "Pode entrar, Dona Sorte", do Confabulando, o amor também aparece, mas o mote aqui são as peripécias tecidas em torno da presença ou ausência da sorte, senhora bastante popular em muitas lendas e "causos" espalhados pelo mundo. "Desejos ridículos" e "Natividade" são exemplos engraçados de como essa tal de sorte também tem lá os seus caprichos...

O resultado, em ambos os casos, são livros generosos com o leitor, devorados com rapidez até a última página, até porque lindamente ilustrados (por Adriano Renzi, em "Felizes para sempre", e Nathalia Sá Cavalcante, em "Pode entrar, Dona Sorte"), valorizados por um projeto gráfico impecável (Porto-Martinez) e acabamento luxuoso. São livros daqueles bons para ler, olhar, cheirar, pegar, guardar, carregar para a vida inteira, e repassar adiante suas histórias, mantendo viva a tradição dos contadores. E quem quiser, que conte outras diferentes. ■



CAPAS DE "Felizes para sempre" e "Pode entrar, Dona Sorte"